



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO - PROGRAD
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - CCSA
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO E ECONOMIA - DAEC**

JULIETE RODRIGUES DA SILVA

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA E SUA INFLUÊNCIA NAS DECISÕES
ECONÔMICAS E FINANCEIRAS DOS INDIVÍDUOS**

Campina Grande - PB

2014

JULIETE RODRIGUES DA SILVA

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA E SUA INFLUÊNCIA NAS DECISÕES
ECONÔMICAS E FINANCEIRAS DOS INDIVÍDUOS**

Trabalho de conclusão de curso
apresentada ao Curso de Administração
da Universidade Estadual de Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título
de Bacharel em Administração
Área de concentração: Finanças

Orientador: Prof. Esp. Cristiano
Rodrigues da Fonseca.

Campina Grande - PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586e Silva, Juliete Rodrigues da
Educação financeira e sua influência nas decisões econômicas e financeiras dos indivíduos [manuscrito] / Juliete Rodrigues Da Silva. - 2014.
27 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2014.
"Orientação: Cristiano Rodrigues da Fonseca, Departamento de Administração e Economia".

1. Educação financeira. 2. Decisões financeiras e econômicas 3. Consumismo. I. Título.

21. ed. CDD 658.15

JULIETE RODRIGUES DA SILVA

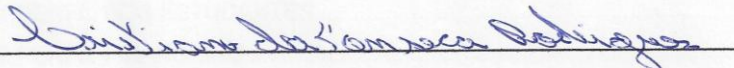
EDUCAÇÃO FINANCEIRA E SUA INFLUÊNCIA NAS DECISÕES
ECONÔMICAS E FINANCEIRAS DOS INDIVÍDUOS

Trabalho de conclusão de curso
apresentada ao curso de Administração
da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título
de Bacharel em Administração.

Área de concentração: Finanças

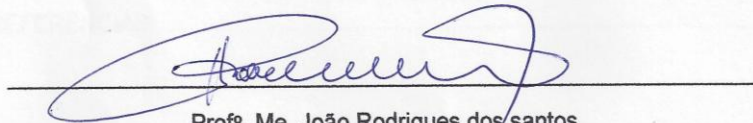
Aprovada em 25/11/2014.

BANCA EXAMINADORA:



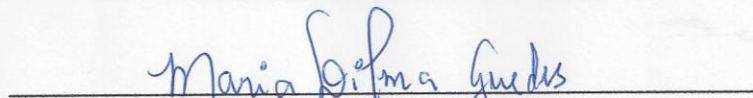
Profº. Esp. Cristiano Rodrigues da Fonseca (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB



Profº. Me. João Rodrigues dos Santos

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB



Profº. Me. Maria Dilma Guedes

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Campina Grande – PB

2014

Sumário

1. INTRODUÇÃO	4
2.REFERENCIAL TEÓRICO	6
2.1.EDUCAÇÃO FINANCEIRA	6
2.2.VARIÁVEIS ECONÔMICAS	8
2.2.1.Consumo e renda	9
2.2.2.Consumo e riqueza	10
2.3.AUMENTO DO CONSUMO ENTRE JOVENS E CRIANÇAS	10
2.4.MARKETING E CONSUMISMO	11
2.5.ORÇAMENTO FINANCEIRO	13
2.6.QUALIDADE DE VIDA	15
2.6.1.Pirâmide das necessidades de Maslow	16
3.METODOLOGIA	18
4.ANÁLISE DE DADOS	19
4.1.PERFIL DOS ESTUDANTES	19
4.2.PERFIL FINANCEIRO	20
4.3.PERCEPÇÃO COM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO FINANCEIRA	24
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
6.REFERÊNCIAS	26

EDUCAÇÃO FINANCEIRA E SUA INFLUÊNCIA NAS DECISÕES ECONÔMICAS E FINANCEIRAS DOS INDIVÍDUOS

Juliete Rodrigues da Silva¹
Cristiano Rodrigues da Fonseca²

RESUMO

O presente artigo teve como finalidade analisar a influência da educação financeira nas decisões econômicas e financeiras dos estudantes de administração da UEPB Campus I. No que se refere aos procedimentos metodológicos, a pesquisa será predominantemente de caráter quantitativo. Quanto aos meios, a pesquisa será bibliográfica e de campo, pois haverá utilização de material disponível ao público em geral, como livros, artigos e sites. Quanto aos fins, terá natureza explicativa e buscará trazer à sociedade um questionamento acerca da importância da educação financeira e sua aplicação na vida financeira dos indivíduos. Para tanto, a técnica utilizada para a coleta de informações será baseada em questionamentos dirigidos a estudantes de administração da UEPB campus I. A constatação obtida ressaltará na noção de educação financeira que os estudantes de administração da amostra têm, uma vez que a relevância e a prática dela em seus cotidianos serão avaliados. O grande número de jovens e sua relação com os investimentos e gastos dos recursos, além da maneira como eles encaram suas reservas, serão aspectos levados à discussão. Com isso, surge a proposta da inserção de um componente sobre educação financeira na grade curricular das escolas e universidades de administração do país.

Palavras-chave: Educação financeira. Decisões financeiras e econômicas. Consumismo.

ABSTRACT

This article aimed to analyze the influence of financial education in business and economic decisions of UEPB Campus I, specifically to administration undergraduates. As regards the methodological procedures, the search will be predominantly quantitative character. As for the means, the search will be bibliographical and field, as there will be use of material available to the general public, such as books, articles and websites. As for purposes explanatory nature and will seek to bring to society a question about the importance of financial education and its application in the financial lives of individuals. Therefore, the technique used for the collection of information will be based on questions directed to administration undergraduates that study at UEPB campus I. The finding obtained will highlight the notion of financial education, the sample business students have, since the relevance and practice it in their daily lives will be assessed. The large number of young people and their

¹ SILVA. Graduanda em Administração pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: julieterodrigues21@hotmail.com.

² FONSECA. Professor especialista. E-mail: cfr1818@hotmail.com

relationship with the investment and spending of resources and the way they view their reserves, will be aspects brought to discussion. With that comes the proposal inserting a component on financial education in the curriculum of administration schools and universities of the country.

Keywords: Financial Education. Financial and economic decisions. Consumerism.

1 INTRODUÇÃO

Em uma sociedade contemporânea, os indivíduos que não aprenderam na prática como lidar com seus recursos, não estão preparados para sobreviver a este mundo repleto de mudanças econômicas, políticas e sociais. Cada vez mais se faz necessária uma compreensão mais aprofundada sobre educação financeira, para que se possa ter consciência de como gerir os próprios bens e garantir uma melhor qualidade de vida. Mas a falta de informação das pessoas leva a uma situação insatisfatória em relação à tomada de decisões financeiras e econômicas, como afirma Braunstein e Welch (apud SAVOIA, 2007, p. 1123):

Participantes informados ajudam a criar um mercado mais competitivo e eficiente. Consumidores conscientes demandam por produtos condizentes com suas necessidades financeiras de curto e longo prazo, exigindo que os provedores financeiros criem produtos com características que melhor correspondam a essas demandas.

No entanto, a educação financeira ainda é pouco estudada no Brasil devido à falta de iniciativa do sistema escolar brasileiro, o qual não inclui os assuntos relacionados à mesma em seu plano de estudos. A escola, enquanto formadora da consciência cidadã, deveria trabalhar com temas que auxiliassem o cidadão na compreensão das suas relações com o mundo das finanças, tais como: custos, gastos, poupança, investimentos. Assim, ter uma visão esclarecida sobre essa temática desde a fase infantil até a adulta, resultando na formação de cidadãos capazes de melhor gerir sua vida financeira.

A educação financeira beneficia a todos os indivíduos em suas etapas de crescimento, independentemente de sua situação econômica. Se as crianças precisam compreender a importância do dinheiro e do trabalho, os jovens devem estar preparados para o futuro de maneira independente. Já os adultos devem saber planejar a compra da casa própria, o financiamento dos estudos e a preparação de sua independência financeira. (PINHEIRO, 2009, p. 64)

Houve, nos últimos tempos, um aumento da oferta de crédito, que aliado a uma economia em crescimento, fez com que a oferta de produtos financeiros e investimentos se tornasse abundante. Desse modo, há exigência para que as pessoas tenham um conhecimento maior de como fazer um planejamento adequado, optando por melhores escolhas e usufruindo melhor dessas opções, sem colocar em risco a segurança financeira. O propósito é que elas atinjam os objetivos de curto, médio e longo prazo.

A educação financeira está intimamente ligada à qualidade de vida, já que uma vida sem planejamento financeiro acarreta preocupações com dívidas e gastos desordenados, além de desarmonia no lar e falta de perspectiva para realização de sonhos. Portanto, quanto melhor informados estiverem os indivíduos em relação ao tema, mais atuantes estarão na discussão do seu projeto financeiro, e conseqüentemente, mais conscientes de suas ações, o que se refletirá na sua qualidade de vida.

Levando em consideração a seguinte definição:

Administração é a tomada de decisão sobre recursos disponíveis, trabalhando com e através de pessoas para atingir objetivos, é o gerenciamento de uma organização, levando em conta as informações fornecidas por outros profissionais e também pensando previamente as conseqüências de suas decisões. (...). (FEA-USP, 2008)

Será que os estudantes de administração têm uma visão clara sobre educação financeira e sua influência na tomada de decisões econômicas e financeiras? Diante desse contexto, outro questionamento: como a educação financeira pode influenciar na tomada de decisões econômicas e financeiras e conseqüentemente na vida financeira dos indivíduos?

Lançada a problematização, o objetivo do estudo é analisar como a educação financeira pode influenciar na tomada de decisões econômicas e financeiras dos estudantes de administração da UEPB, Campus I. Vale ressaltar que diversos estudos já foram realizados sobre o tema como em: Savoia et al. (2007), *Paradigmas da educação financeira no Brasil*; Vieira et al. (2008) em *Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do Paraná*; e Lucci et al. (2006) em *A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimentos dos indivíduos*.

O artigo é composto por uma contextualização sobre educação financeira e sua importância, seguida de uma análise sobre algumas variáveis econômicas que podem influenciar o consumo, investimento e poupança dos indivíduos. Além disso, trata também da questão do consumismo entre crianças e jovens, prossegue com a dificuldade das famílias em equilibrar seu orçamento financeiro, recorre sobre como a educação financeira pode auxiliar as famílias de baixa renda a melhor gerir suas finanças. Por fim, relaciona educação financeira e qualidade de vida.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Para se falar em educação financeira, é preciso primeiro definir o que é educação: “1. Ato de educar (-se). 2. Processo de desenvolvimento da capacidade intelectual, moral e física do ser humano.” (NUNO, et al. 2008, p.273). A partir desse conceito, nota-se que a educação visa uma melhor integração do indivíduo com o meio em que vive. Assim, ela não serve apenas para fins pedagógicos, mas também para auxiliar o ser humano em seu cotidiano a sanar problemas que por acaso surjam em sua vida. Nesse contexto, surge a educação financeira como ferramenta para orientar os indivíduos em sua vida financeira e lhes assegurar um melhor aprendizado econômico-financeiro.

Para a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a educação financeira é definida como:

(...) o processo pelo qual consumidores e investidores melhoram seu entendimento sobre os conceitos e os produtos financeiros e, através da informação, instrução e/ ou conselhos objetivos desenvolvam as habilidades e a confiança para conhecer melhor os riscos e as oportunidades financeiras, e assim tomarem decisões fundamentadas que contribuam para melhorar seu bem-estar financeiro. (OCDE apud Vieira, 2008)

Na perspectiva de novas tendências do mundo contemporâneo, onde o consumo está cada vez mais presente no cotidiano, é um desafio equilibrar as receitas com as despesas que são geradas a cada dia (cheque especial, cartão de crédito, investimentos, poupança, crédito direto ao consumidor,

financiamento, etc.). É um difícil aprendizado para os indivíduos a administração de suas finanças.

É perceptível o fato de que poucos estão prevenidos contra possíveis eventualidades como desemprego e desajustes na economia nos dias atuais. Na maioria das vezes, quando surge algum problema financeiro, os indivíduos agem sozinhos, sem nenhum preparo, ou acabam recorrendo a amigos e familiares que também não possuem nenhum conhecimento na área. Neste cenário, a educação financeira ganha relevância, pois ajuda as pessoas a tomarem decisões sensatas, gerindo melhor suas finanças não só para o presente, mas também para o futuro. Nesse sentido, Lucci diz que:

A importância da educação financeira pode ser vista sob diversas perspectivas: sob a perspectiva de bem estar pessoal, jovens e adultos podem tomar decisões que comprometerão seu futuro; as consequências vão desde desorganização das contas domésticas, até a inclusão do nome em sistemas como SPC/SERASA (Serviço de proteção ao crédito) que prejudicam não só o consumo como, em muitos casos, na carreira profissional (...). (LUCCI et al. 2006, p. 4)

Nos países desenvolvidos como os Estados Unidos e Inglaterra, já implantaram a disciplina nas grades curriculares das escolas, e o Reino Unido tem a disciplina em caráter facultativo. É válido frisar que a OCDE incentiva a elaboração e realização de programas sobre educação financeira nos países que a compõem e nos demais países. Dessa maneira, com a finalidade de que este projeto aconteça, elaborou um conjunto de princípios e recomendações. Em seguida, alguns destes princípios por Savoia et al. (2007, p. 1129):

- A educação financeira deve ser promovida de uma forma justa e sem vieses, ou seja, o desenvolvimento das competências financeiras dos indivíduos precisa ser embasado em informações e instruções apropriadas, livres de interesses particulares.
- Os programas de educação financeira devem focar as prioridades de cada país, isto é, estar adequados à realidade nacional, podendo incluir em seu conteúdo, aspectos básicos de um planejamento financeiro, como as decisões de poupança, de endividamento, de contratação de seguros, bem como conceitos elementares de matemática e de economia.
- Os indivíduos que estão para se aposentar devem estar cientes da necessidade de avaliar a situação de seus planos de pensão, necessitando agir apropriadamente para defender seus interesses.
- O processo de educação financeira deve ser considerado pelos órgãos administrativos e legais de um país, como um instrumento para o crescimento e estabilidade econômica, sendo necessário que se busque complementar o papel que é exercido pela regulamentação do sistema financeiro e pelas leis de proteção ao consumidor.
- A Educação Financeira deve começar na escola. É recomendável que as pessoas se insiram no processo, o quanto antes.

Além disso, ter educação financeira é entender até onde se pode gastar para não comprometer todo o orçamento. É ser responsável pelo próprio futuro e fazer escolhas sensatas no presente, uma vez que irão se refletir no amanhã. É ter o poder de conquistar uma vida financeira mais tranquila e equilibrada. É se permitir sonhar e realizar esses sonhos, mesmo que isso leve algum tempo. O equilíbrio financeiro não depende do quanto se ganha, mas de como se administra aquilo que se ganha. É preciso que o indivíduo tenha consciência de que o dinheiro foi feito para facilitar as suas vidas e que desenvolva, assim, uma boa relação com suas finanças através da educação financeira.

Uma vida sem educação financeira impede que os indivíduos realizem projetos mais ambiciosos em relação ao investimento em determinado bem, muitas vezes, comprometendo seu bem-estar financeiro e limitando seus sonhos e interesses, tal como Domingos afirma:

É muito comum encontrar pessoas que desistiram dos seus sonhos porque estão financeiramente desequilibradas. O raciocínio costuma ser: “Se não consigo nem pagar as contas básicas, como é que posso me dar ao luxo de sonhar com coisa melhor?”. Isso é um grande equívoco. Seja qual for sua situação financeira, é preciso que você renove sempre seus sonhos, seus objetivos. Os sonhos são o combustível para que você possa seguir na caminhada, a motivação para superar os obstáculos. (DOMINGOS, 2012, p. 60)

Portanto, a educação financeira é importante na vida dos indivíduos. A partir do momento em que ela for inserida em seus cotidianos, eles terão uma visão mais apurada de como estão gastando seus recursos e, assim, poderão se organizar melhor e obter o devido controle do orçamento. O objetivo é que não haja surpresas desagradáveis, podendo, sim, realizar sonhos e usufruir de uma vida financeira satisfatória.

2.2 VARIÁVEIS ECONÔMICAS

Entre os fatores que influenciam as decisões de consumo, poupança e investimentos dos indivíduos estão variáveis econômicas como renda e riqueza.

2.2.1 Consumo e renda

O consumo é a parcela de renda destinada à aquisição de bens e serviços para a satisfação das necessidades dos indivíduos. Pode-se dizer que quanto maior for a renda do indivíduo maior tende a ser o seu consumo, assim como sua poupança. Na economia, a parcela do aumento destinada ao consumo é denominada “propensão marginal a consumir” e a parcela destinada à poupança é denominada “propensão marginal a poupar”.

O valor da propensão marginal a consumir e da propensão marginal a poupar depende de fatores objetivos e subjetivos. Entre os fatores objetivos estão: o custo da subsistência, a distribuição de renda, e o grau de desenvolvimento financeiro; e entre os fatores subjetivos estão: avareza, egoísmo, receio, incerteza, etc, podendo-se acrescentar também a educação financeira.

Quando o consumo das famílias é considerado baixo, o governo pode intervir com as chamadas políticas fiscais que são medidas para incentivar o consumo da população como a diminuição de impostos sobre produtos e serviços ou propor políticas expansionistas, incentivando uma maior circulação de dinheiro e aumentando, assim, o nível de demanda agregada, de produção e de emprego.

Por política fiscal entende-se a atuação do governo no que diz respeito à arrecadação de impostos e aos gastos. Estes afetam o nível de demanda da economia. A arrecadação afeta o nível de demanda ao influir na renda disponível que os indivíduos poderão destinar para consumo e poupança. Os gastos são diretamente um elemento de demanda; dessa forma quanto maior o gasto público, maior a demanda e maior o produto. (GREMAUD et al. 2007, p. 175).

Segundo o senso geral, os indivíduos de baixa renda têm uma maior propensão ao consumo do que a poupança, já que estes ganham apenas o necessário para sua sobrevivência, ao contrário dos que ganham mais, que tendem a poupar parte dos seus rendimentos. Segundo Gremaud et al. (2007, p.128), “essa relação entre consumo total e renda é chamada propensão média a consumir, que tende a ser decrescente conforme aumenta a renda, segundo a formulação Keynesiana.” Portanto, a renda pode interferir diretamente na propensão ao consumo e à poupança dos indivíduos.

2.2.2 Consumo e riqueza

Como abordado anteriormente, sabe-se que a renda influencia na decisão de consumo e poupança dos indivíduos. Mas e se duas famílias possuírem o mesmo nível de renda? Qual das duas irá consumir mais? Isso vai depender da riqueza de cada uma. Segundo Gremald (et al. 2007, p. 129): “Dado igual nível de renda tende a consumir mais quem possuir maior riqueza.”

Nesse sentido, é possível definir riqueza como os ativos reais e ativos financeiros que esta possui. Ativos reais correspondem aos imóveis, terras, máquinas, etc; e ativos financeiros são as ações, títulos, etc. Além disso, vale salientar que a família possuidora de uma maior riqueza está conseqüentemente mais segura em relação ao seu futuro financeiro, podendo, assim, consumir mais do que a outra. Esta última, por sua vez, ainda terá de se preocupar com investimentos como a aposentadoria na velhice.

2.3 AUMENTO DO CONSUMO ENTRE JOVENS E CRIANÇAS

O aumento da complexidade das operações e serviço financeiro, os novos canais de distribuição eletrônica e a integração de mercado, exigem dos cidadãos uma nova abordagem financeira mais aprimorada e consciente, a fim de conseguir se ajustar a essa nova realidade.

Surgem constantemente novos produtos cujos ciclos de vida são cada vez mais baixos, proporcionando um aumento do consumo da população, sobretudo dos jovens e crianças. A necessidade de aceitação e inserção em grupos leva os jovens a consumirem cada vez mais produtos, acreditando serem estes, itens indispensáveis. Além disso, a mídia incentiva esse consumo sob a forma de propagandas.

A adolescência, fase complicada que é, traz novos desafios financeiros aos pais. Essa é a idade em que os filhos gastam mais. Aumentam os preços da mensalidade escolar, do material didático, dos presentes e dos hábitos de lazer. Como a maior necessidade do adolescente é sentir-se parte de um grupo, surgem demandas de maiores gastos relacionados a modas e manias. O adolescente, em sua eterna busca de liberdade, pensa mais em viagens e passeios. (CERBASI, 2004, p. 103).

As crianças também estão sendo levadas por influência - seja da mídia ou dos indivíduos ao seu redor – ao consumismo cada vez mais cedo.

Geralmente incentivadas pelos pais, estas criam o hábito de consumir sem pensar de onde vem o dinheiro. Se os pais não podem lhe dar o que querem, não aceitam a situação e não sossegam até cederem a seus caprichos.

A geração do quero, logo tenho, vive intensamente o presente até o esgotamento. Tal processo faz parte da realidade de nossas crianças. Elas estão crescendo com os caixas eletrônicos e com os cartões de créditos. Para elas é só passar na máquina que o dinheiro sai e leva-se o objeto pra casa. (PINHEIRO, 2009, p. 74).

Esta geração (infantil) está crescendo e aprendendo a comprar o que se quer sem limitações. Mais do que isso, criando hábitos que desde cedo impedem um aprendizado eficaz das finanças. Assim, no futuro, dificilmente conseguirão superar as dificuldades em gerir sua vida financeira, bem como avaliar o risco dos investimentos e utilizar os recursos disponíveis.

Cerbasi (2004, p. 93), em seu livro intitulado *Casais inteligentes enriquecem juntos*, dá algumas dicas de como gastar menos com os filhos e orientar o uso da renda pela família:

Jamais apresentem as gulodices do mundo a seus filhos (...);
Estabeçam regras de consumo de produtos caros ou pouco saudáveis. (...); Estabeçam regras de compras para as crianças (...);
Não abusem das novidades tecnológicas (...); Supermercado não é lugar de criança (...).

Desse modo, o autor se utiliza de algumas estratégias, as quais poderão influenciar na consciência financeira dos filhos desde a infância, época em que há necessidade constante dos limites. Além disso, é o momento em que pais e filhos se deparam com o consumismo intenso.

2.4 MARKETING E CONSUMISMO

A corrida pela atenção e pela preferência dos consumidores no mercado é constante, pois a todo instante a mídia os bombardeia com informações e ofertas, em troca da prioridade da marca e da fidelização de clientes. A fixação de determinada marca no cérebro do consumidor vale muito para as empresas, as quais investem intensamente nesse aspecto. “Quanto vale um centímetro do cérebro do consumidor?” é o que as empresas se perguntam, e para elas vale mais do que se pode imaginar.

A moda é outro fator que influencia na escolha dos consumidores por determinados produtos. A indústria da moda cria produtos e os substitui cada vez mais rápido, fazendo com que os indivíduos acreditem que o produto que

adquiriram já está ultrapassado e, por essa razão, precisa ser trocado rapidamente. Porém, muitas vezes, a diferença entre o produto antigo e o novo lançamento é apenas um acessório ou um detalhe que foi modificado. Os produtos ditos “na moda” são os mais caros e pesam no orçamento da família, consumindo uma boa fatia dos rendimentos, o que acaba gerando endividamento.

Nesse cenário, as empresas não poupam esforços para fazer acreditar que o seu produto é muito melhor que os outros, agregando valor à marca e oferecendo cada vez mais facilidades. Isso faz com que os clientes acreditem que estão levando para casa e utilizando algo bem mais que um produto ou serviço, o que implica no usufruto de um prazer imediato ou realização de um sonho de consumo tão almejado.

Muitas vezes, as compras são realizadas por impulso, fazendo com que o consumidor gaste mais do que o planejado:

Muitas de nossas compras são feitas por impulso, e isso já foi comprovado por diversos estudos. Segundo pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Embalagens (Abre) em 2007, 80% das pessoas afirmam que compram além do que haviam planejado em supermercados. Em outras palavras, cerca de 20% das pessoas garantem que não compram por impulso. Essa estatística é impressionante. (CERBASI, 2010, p. 30)

As pessoas utilizam frequentemente recursos que ainda não se possuem, tendo em vista a compra de produtos desejados. São os financiamentos a longo prazo com inúmeras parcelas, são vários anos pagando o investimento em um imóvel ou carro dos sonhos. Estes financiamentos são a maior causa dos endividamentos. Quando não se pode fugir dos financiamentos, a solução mais viável é procurar as melhores vantagens de financiamento, ou seja, os menores índices de juros possíveis. No entanto, o imediatismo é o fator que mais causa fascínio nos clientes nas compras a prazo, já que não conseguem esperar até ter o dinheiro necessário para a realização da compra.

Geralmente, os dois maiores motivos que levam os indivíduos a atender os apelos do marketing e a comprar coisas que não necessitam são: o represamento de vontade e a falta de objetivos claros a alcançar. O represamento da vontade acontece quando não se prioriza uma verba a fim de atender aos desejos ou realizações pessoais, aquilo que estimula o prazer,

seja um passeio com amigos ou “estar na moda”. Para quem não consegue obter realizações por outro meio, o prazer das compras funciona como uma válvula de escape.

Portanto, não adianta poupar dinheiro simplesmente por poupá-lo, sem objetivos, mas é preciso ter um objetivo claro do motivo pelo qual se está poupando. Dessa forma, não haverá tantas complicações em controlar gastos desnecessários e guardar dinheiro para um propósito mais importante. Todavia, os consumidores precisam estar atentos para não se entregar aos apelos do marketing, lançando mão de financiamentos que não cabem em seu orçamento e que acarretam problemas futuros.

À medida que se encara esta nova realidade e diferenciam-se desejos de necessidades, os indivíduos aprendem a se defender desses estímulos constantes por meio de hábitos positivos e conscientização de que uma economia feita agora irá refletir em realizações futuras.

2.5 ORÇAMENTO FINANCEIRO

Segundo dados do IBGE (POF 2008, 2009), 85% dos domicílios brasileiros declararam ter dificuldades orçamentárias. Ou seja, essas pessoas afirmam não conseguir chegar até o fim do mês com os recursos que possuem. Tal informação comprova a falta de habilidade dos cidadãos em lidar e assumir suas receitas e despesas sem comprometer todo o orçamento mensal. Nesse mesmo sentido, a Serasa Experian registrou uma alta na inadimplência dos consumidores de 14,2% em outubro de 2014 contra o mesmo mês de 2013. De janeiro a outubro de 2014, a inadimplência fechou com elevação de 5,1% em relação ao mesmo período do ano passado.

A educação financeira, todavia, não propõe que os indivíduos abdicuem de seus sonhos e desejos, mas incentiva, por outro viés, que não ultrapassem as suas possibilidades financeiras, colocando em risco seu equilíbrio financeiro. Ressalta também que, através de um planejamento adequado, as pessoas possam desfrutar de uma vida financeira saudável e adquirir produtos e serviços de forma planejada e consciente. A busca pela qualidade de vida

envolve planejamento e estabelecimento de metas e objetivos que podem ter valores e prazos diversos, como esclarece Cerbasi (2004, p. 38):

O planejamento financeiro tem um objetivo muito maior do que simplesmente não ficar no vermelho. Mais importante do que conquistar um padrão de vida é mantê-lo, e é para isso que devemos planejar. Os maiores benefícios dessa atitude serão notados alguns anos depois, quando a família estiver usufruindo a tranquilidade de poder garantir a faculdade dos filhos ou a moradia no padrão desejado, por exemplo.

Em alguns casos, o orçamento financeiro é afetado pelo constante comprometimento do salário com dívidas, parcelas intermináveis, evocando uma situação corriqueira para a qual muitos convergem, materializada por duas circunstâncias: a facilidade de entrar e a dificuldade de sair. Concomitantemente, muitas famílias conseguem elaborar um bom planejamento, mas há um desequilíbrio entre renda e despesas, um descuido que os levam a corromper o orçamento familiar.

Em todas as atividades diárias os indivíduos são levados a tomar decisões. O endividamento é resultado de decisões econômicas e financeiras equivocadas:

Tomamos decisões todos os dias. Discutam suas últimas decisões, mas não transformem essas decisões no foco do problema. Não adianta chorar o leite derramado. Gastem as energias para resolver o problema, mas prometam (...) pensar duas vezes antes de repetir o erro no futuro. (CERBASI, 2004, p. 78)

Ou seja, para o consumidor que se encontra endividado, a solução plausível é o encerramento das dívidas. Fazer concessões no aludido momento a fim de garantir uma situação econômica mais tranquila no futuro. Economizar, desfazendo-se daquilo que não é necessário no sentido de renegociar a dívida, se possível, à vista. Alguns economistas também propõem, em último caso, fazer um empréstimo pessoal e pagar a dívida, se estes possuírem juros mais baixos. Já que não adianta investir se as finanças estiverem desequilibradas, não há investimento bom para quem está endividado.

A educação financeira, sob outra perspectiva, é um caminho melhorar a qualidade de vida financeira individual e social. Educar-se financeiramente é o esforço de agregar às próprias experiências, conhecimentos e práticas úteis para lidar melhor com seus recursos, equilibrando desejos e necessidades. O intuito é extrair de suas possibilidades financeiras uma melhor qualidade de

vida para si e seus familiares. É adequar-se à sua realidade financeira, visando melhores condições de vida no presente ou em um futuro próximo.

2.6 QUALIDADE DE VIDA

Qualidade de vida é um tema complexo e há várias definições e conceitos relacionados a ele. É um tema multidisciplinar que abrange várias áreas do conhecimento. Não é simples defini-la partindo do pressuposto de que a maioria da população tem uma ideia diferente acerca do tema.

Compreendendo a diversidade do homem, de suas características e formas de pensar, o que pode ser considerado qualidade de vida para uns, pode não ser para outros. Por exemplo, para alguns qualidade de vida pode ser o tempo que se passa com a família, os passeios ao ar livre, os relacionamentos construídos, entre outros fatores que não aludem diretamente aos seus recursos e à educação financeira. Já outros podem defini-la como a capacidade de ter estabilidade econômica, segurança, realizar projetos pessoais, ter cultura, educação, lazer, ou seja, fatores que estão ligados à educação financeira.

A princípio, essa relação [educação financeira e qualidade de vida] não é uma regra. Você deve conhecer pessoas que aparentam ter ótima qualidade de vida, mas que não tem a mínima noção de dinheiro. O contrário também não é difícil de encontrar, pois existem várias pessoas que administram seus patrimônios de forma extraordinária, mas não têm tempo para nada. Mas o grande “pulo do gato” está em aproveitar os resultados de um (educação financeira) para ficar cada vez mais próximo do outro (qualidade de vida). (SEABRA, 2010)

Embora não haja um consenso a respeito da definição de qualidade de vida, alguns especialistas em diferentes áreas do conhecimento foram consultados e definiram qualidade de vida como “a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações.” (WHOQOL GROUP, 1994 apud FLECK; MARCELO et al., 1999, p. 20)

Qualidade de vida é algo que se busca de modo constante em praticamente todos os estágios da vida. Para Nobre (1995), esta pode ser definida como:

(...) É o tempo de trânsito e as condições de tráfego, entre o local de trabalho e de moradia. É a qualidade dos serviços médico-hospitalares. É a presença de áreas verdes nas grandes cidades. É a segurança que nos protege dos criminosos. É a ausência de efeitos colaterais de medicamentos de uso crônico. É a realização profissional. É a realização financeira. É usufruir do lazer. É ter cultura e educação. É ter conforto. É morar bem. É ter saúde. É amar. É, enfim, o que cada um de nós pode considerar como importante para viver bem.

No entanto, muitas pessoas gastam seus recursos com superficialidades, ou seja, gastos que poderiam ser deixados para segundo plano, são priorizados para coisas supérfluas. Por esse motivo, deixam de investir em fatores essenciais como saúde, educação, cultura e lazer. Entretanto, não se está afirmando na presente pesquisa a maneira como o indivíduo deve ou não usufruir de um dinheiro que lhe pertence, mas sim promovendo o debate que gira em torno desses mesmos recursos aplicados dentro de outra concepção – da educação financeira. Daí, certamente, os retornos financeiros e pessoais seriam bem maiores nas experiências econômicas dos indivíduos.

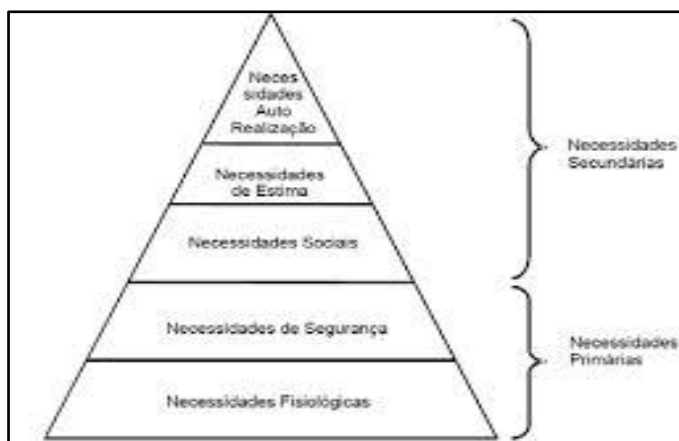
Sabe-se que no Brasil, a qualidade das escolas públicas deixa muitas lacunas no ensino. Então, com um bom planejamento financeiro seria proporcionada ao indivíduo uma boa formação em uma escola de qualidade, garantindo a ele uma boa educação. Outro fator primordial para a qualidade de vida do ser humano é a saúde, portanto, seria preciso investir em um bom plano de saúde, o qual atendesse às suas exigências pessoais. Além disso, a cultura e o lazer também estariam garantidos caso os indivíduos programassem sua renda para atender às seguintes necessidades.

2.6.1 Pirâmide das necessidades de Maslow

A hierarquia das necessidades de Abraham Maslow baseia-se no conceito de que o indivíduo deve satisfazer primeiro as necessidades mais básicas para posteriormente conseguir realizar as necessidades de nível mais alto. Nas necessidades mais básicas, incluem-se respiração, comida, água, sexo, sono, homeostase e excreção (fisiológicas). As mais altas abrangem a realização pessoal do ser humano e incluem moralidade, criatividade,

espontaneidade, solução de problemas, ausência de preconceito e aceitação dos fatos.

FIGURA 1: Pirâmide das necessidades de Maslow



Fonte: Chiavenatto (2000, p. 393)

Numa análise dessa pirâmide, percebe-se que algumas das necessidades mais básicas como as fisiológicas e de segurança estão ligadas aos recursos financeiros do indivíduo. Comida, água, boa qualidade do sono, segurança dos recursos e da propriedade relacionam-se com a capacidade do indivíduo de ter uma boa educação financeira e, assim, poder proporcionar a ele mesmo e à família, no mínimo, tais necessidades. A partir daí, segundo Maslow, ele seria motivado a alcançar as próximas e assim por diante.

Observa-se, desse modo, como a educação financeira está vinculada à qualidade de vida do ser humano. Ao priorizar uma verba especialmente para essa base da pirâmide, aquilo que restar dos recursos poderá ser destinado a outros fatores essenciais ou desejos. É importante que o consumo venha após as necessidades básicas. Esta afirmação parece óbvia, mas há indivíduos que priorizam o consumo de produtos em detrimento das necessidades mais urgentes como contas pendentes, plano de saúde, etc. Assim, acabam confusos e comprometem sua situação financeira. São gerados, em decorrência da situação supracitada, os endividamentos, os empréstimos e financiamentos com juros altíssimos, além do cartão de crédito com juros acumulados que colocam em risco a saúde financeira do indivíduo.

3 METODOLOGIA

Para a classificação da pesquisa, toma-se como base a taxionomia apresentada por Vergara (2000) que a qualifica em relação a dois aspectos: quanto aos fins e quanto aos meios. Quanto aos meios, a pesquisa pode ser considerada de caráter concomitantemente bibliográfico e de pesquisa de campo, uma vez que foi utilizado o material disponível ao público em geral, tais como livros, artigos e sites. Além disso, foram coletados dados através de um questionário. Quanto aos fins, a pesquisa pode ser entendida como explicativa.

O estudo é de natureza quantitativa, pois houve uma amostra da pesquisa feita através dos questionamentos dirigidos aos estudantes de administração da Universidade Estadual da Paraíba. Nesse intuito, foi aplicado um questionário com vinte e três questões sobre educação financeira para cem alunos do referido curso, sem levar em consideração o período em que estavam cursando. O enfoque da pesquisa foi traçar um perfil desses estudantes, saber como lidavam com suas finanças, a importância que davam à educação financeira e qual a sua influência nas decisões econômicas e financeiras dos indivíduos.

O instrumento de coleta de dados, o questionário, tem como base a apostila de finanças da Associação Brasileira de incentivo (São Paulo, 2009). A análise dos mesmos foi feita através da frequência estatística absoluta; que registra exatamente a quantidade de vezes que uma determinada realização ocorreu; e da frequência relativa, sendo esta feita através de dados percentuais.

4 ANÁLISE DE DADOS

4.2 PERFIL DOS ESTUDANTES

A maioria dos estudantes tinha entre 17 e 25 anos, implicando em uma amostra composta de pessoas mais jovens. O sexo dos participantes da amostra apresentou-se bem dividido, o que foi um aspecto positivo, pois as informações foram colhidas de ambos os sexos quase que proporcionalmente.

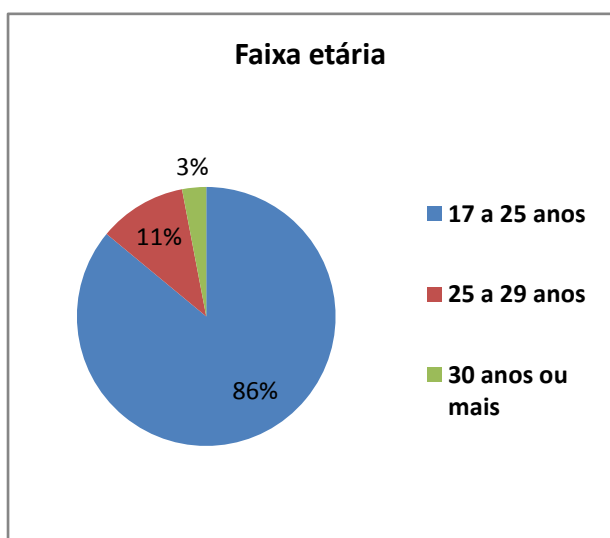


GRÁFICO 1: Faixa etária dos participantes da pesquisa

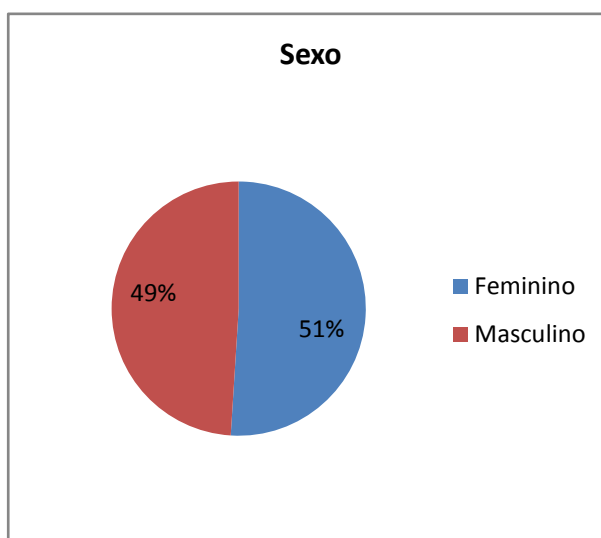


GRÁFICO 2: Sexo dos participantes da pesquisa

A maioria dos estudantes era solteira e sem filhos.

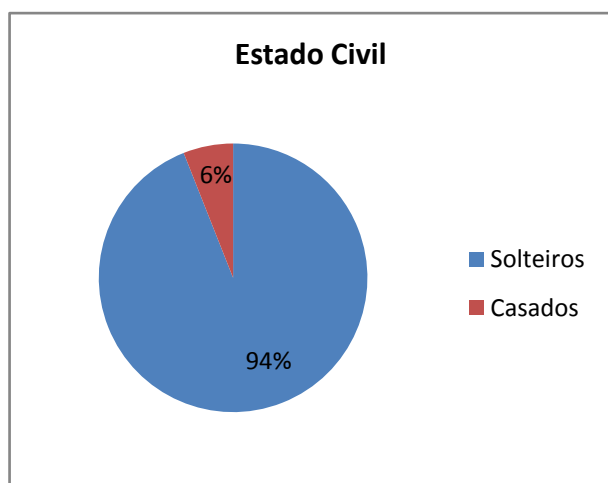


GRÁFICO 3: Estado civil dos participantes da pesquisa

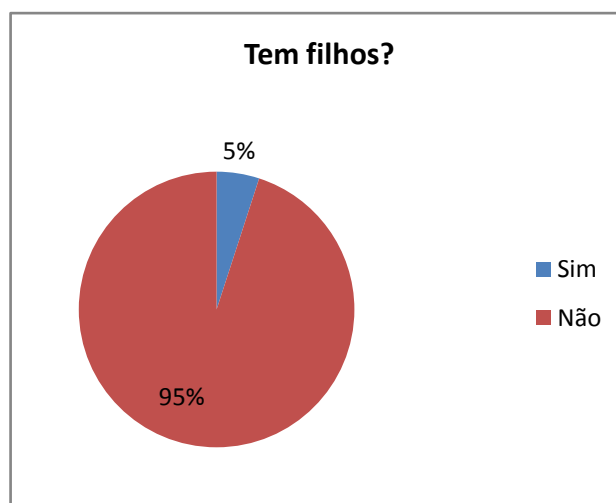


GRÁFICO 4: Respostas dos participantes da pesquisa

Quando foram perguntados acerca da renda mensal da família, 57% responderam que ganhavam de um a três salários mínimos. Mais da metade das famílias dos entrevistados era de renda mais baixa. A média das famílias dos entrevistados era composta de quatro a sete membros.

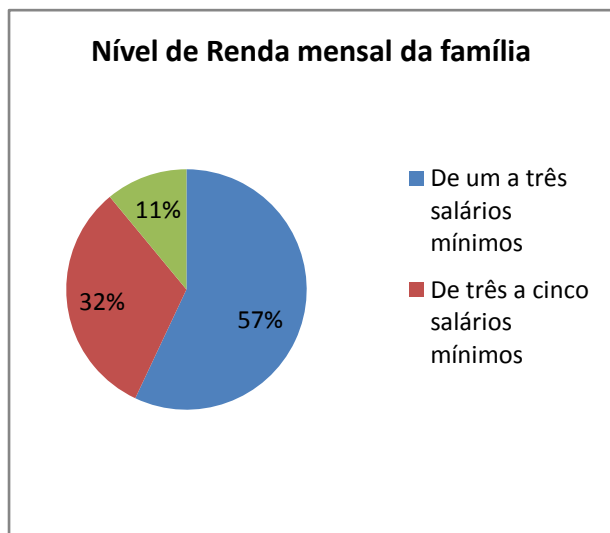


GRÁFICO 5: Nível de renda mensal dos participantes da pesquisa

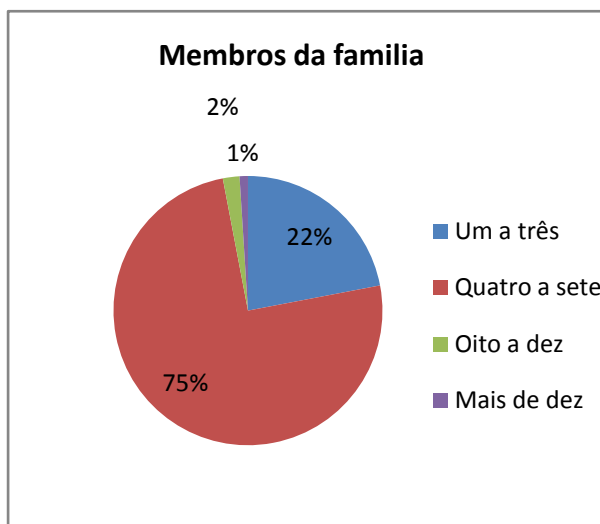


GRÁFICO 6: Número de membros da família dos participantes da pesquisa

4.3 PERFIL FINANCEIRO

81% dos entrevistados declararam comprar por necessidade, o que se justifica, já que a maioria das famílias da amostragem consultada (57%) possuía renda mais baixa. A quase maioria das pessoas consultadas (49%) afirmou fazer pesquisa em lojas diferentes na hora de comprar, seguidas das pessoas que por algum motivo compravam, às vezes, na primeira loja (37%). Deduz-se que elas nem sempre pesquisavam.

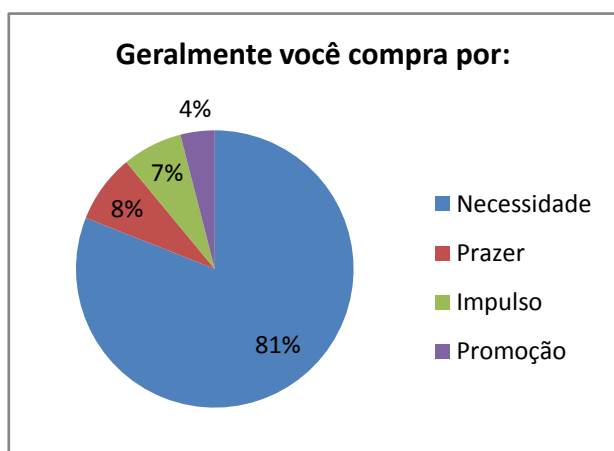


GRÁFICO 7: Motivação das compras dos participantes

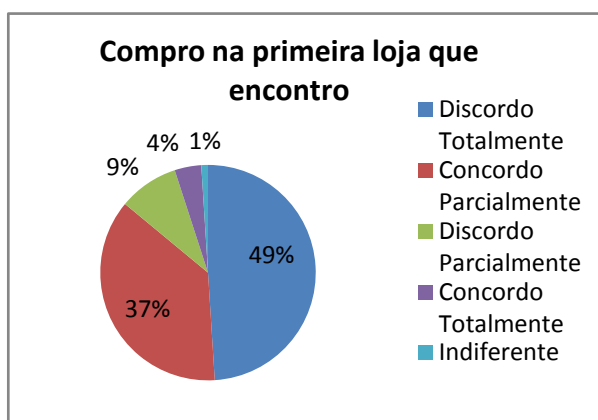


GRÁFICO 8: Retorno dos participantes à afirmação: "Quando precisa de algo, compra na primeira loja que encontra."

Diante da afirmação: “É melhor me endividar agora do que esperar para comprar algo que quero”, 66% discordaram totalmente e apenas 2% concordaram totalmente. Mas esse resultado não é o que se nota no cotidiano. Talvez esses indivíduos não considerem os longos financiamentos de produtos como dívidas, pois esse hábito já está internalizado em seu cotidiano. Apenas 2% da amostra apresentaram descontrole quando o assunto é o pagamento das contas.

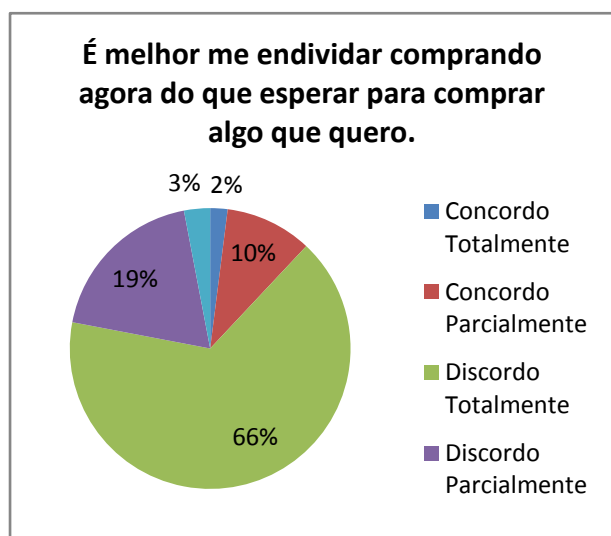


GRÁFICO 9: Porcentagens do retorno dos participantes à afirmação: “É melhor me endividar agora do que esperar para comprar algo que quero.”

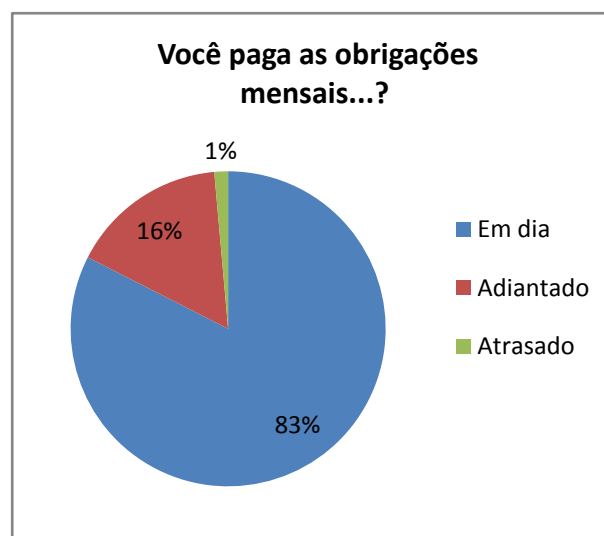


GRÁFICO 10: Porcentagens do retorno dos participantes à afirmação: “Você paga as obrigações mensais?”

A maioria dos entrevistados não faz nenhum tipo de investimento, o que leva a crer que essa porcentagem da população está mais preocupada com o momento presente, não possuindo reservas financeiras para sanar algum problema futuro. Percebe-se que ao invés de investir, a maioria dos estudantes prefere gastar seus recursos de outra maneira.

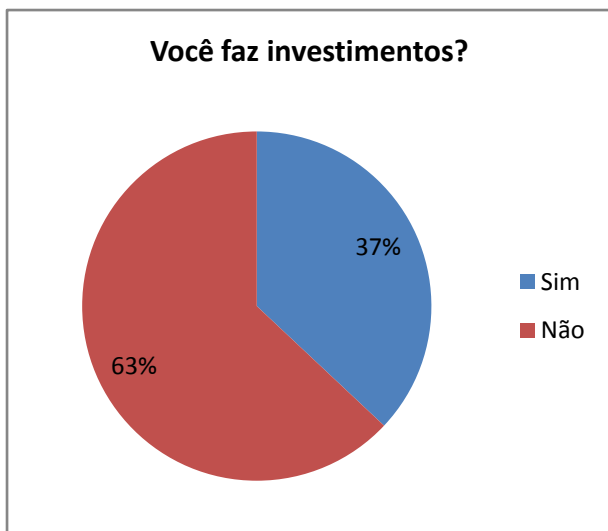


GRÁFICO 11: Porcentagem dos participantes que fazem investimentos e que não fazem investimentos

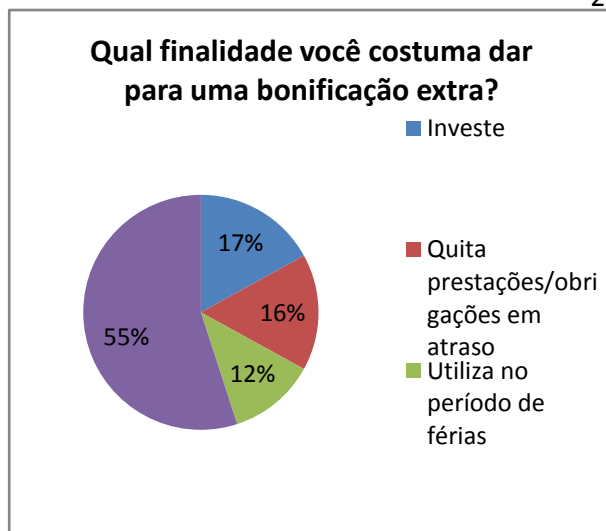


GRÁFICO 12: Porcentagens do retorno dos participantes à afirmação: "Qual finalidade você costuma dar uma bonificação extra?"

A maioria dos entrevistados não se considerou endividado. Quando perguntados se estavam satisfeitos com seus ganhos atuais, o resultado foi equilibrado, destacando-se os 39% que se consideraram mais ou menos satisfeitos. Estes indivíduos gostariam, no entanto, de melhorar sua situação financeira



GRÁFICO 13: Porcentagem dos participantes que se consideram endividados e dos que não se consideram endividados

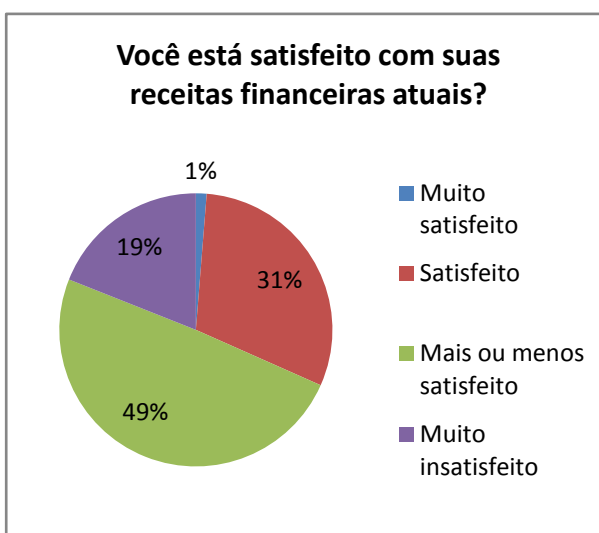


GRÁFICO 14: Porcentagens do retorno dos participantes à afirmação: "Você está satisfeito com suas receitas financeiras atuais?"

61% declararam que não conseguiriam viver nem um mês com suas reservas, o que demonstra a maior propensão desses jovens em consumir do que em poupar ou investir. 51% se disseram preparados para usar cartões de crédito sem perder o controle das finanças.

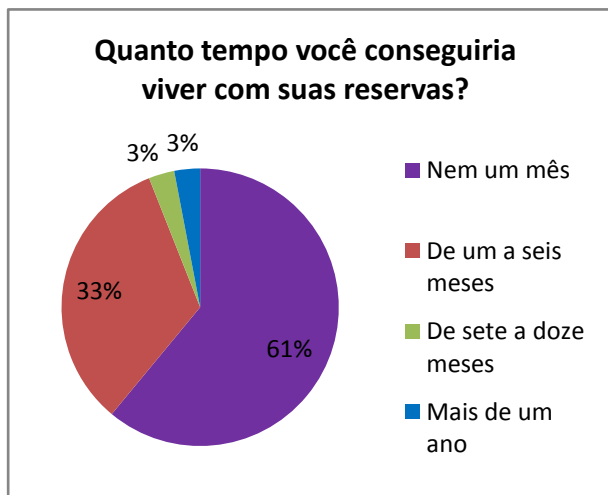


GRÁFICO 15: Porcentagens do retorno dos participantes à afirmação: “Quanto tempo você conseguiria viver com suas reservas?”

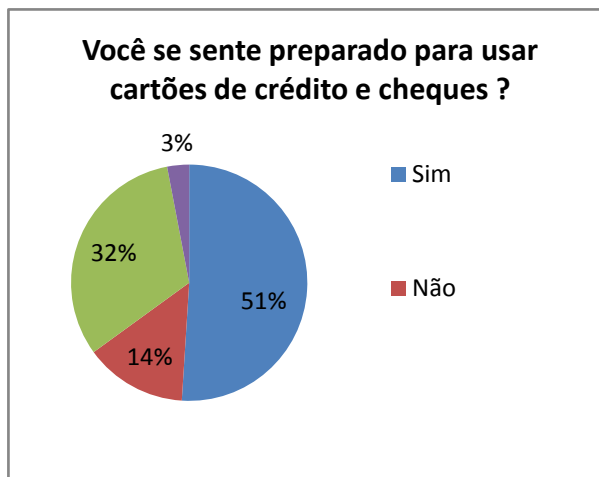


GRÁFICO 16: Porcentagem dos participantes que se sentem preparados para usar cartões de crédito e cheques e os que não se sentem

92% acreditaram ser possível aprimorar a forma como cuidavam de suas finanças. Ou seja, não se consideravam totalmente preparados para cuidar de suas finanças. 34% não possuíam o hábito de realizar o acompanhamento dos seus gastos.

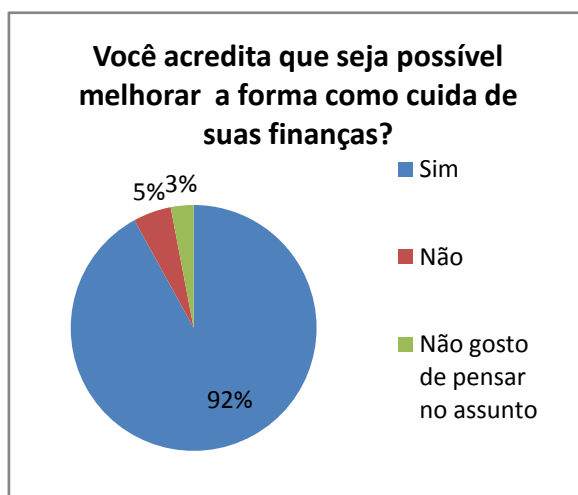


GRÁFICO 17: Porcentagens do retorno dos participantes à afirmação: “Você acredita que seja possível melhorar a forma como cuida de suas finanças?”

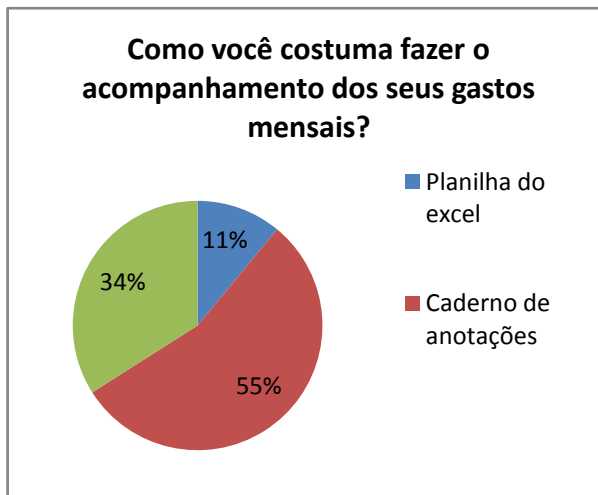


GRÁFICO 18: Porcentagens do retorno dos participantes à afirmação: “Como você costuma fazer o acompanhamento dos seus gastos mensais?”

4.4 PERCEPÇÃO COM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Dadas algumas definições, 71% responderam que consideravam a educação financeira como uma ferramenta capaz de contribuir para sua qualidade de vida. Sobre a educação financeira, 38% a consideraram imprescindível, 61% a consideraram importante, mas nem todos a praticavam no seu dia-a-dia.

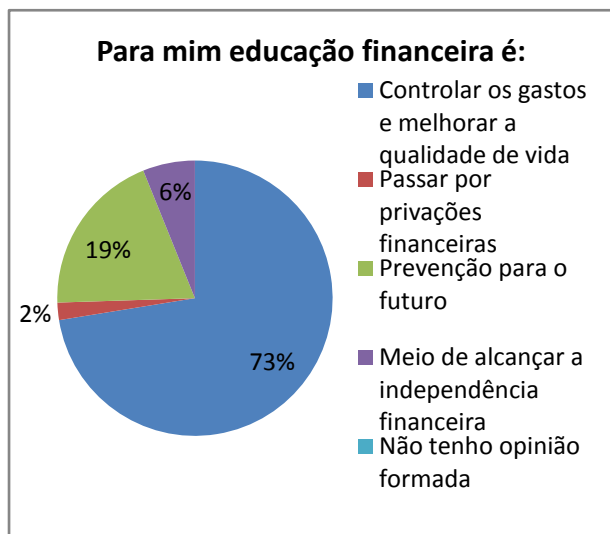


GRÁFICO 19: Concepção de educação financeira dos participantes da pesquisa

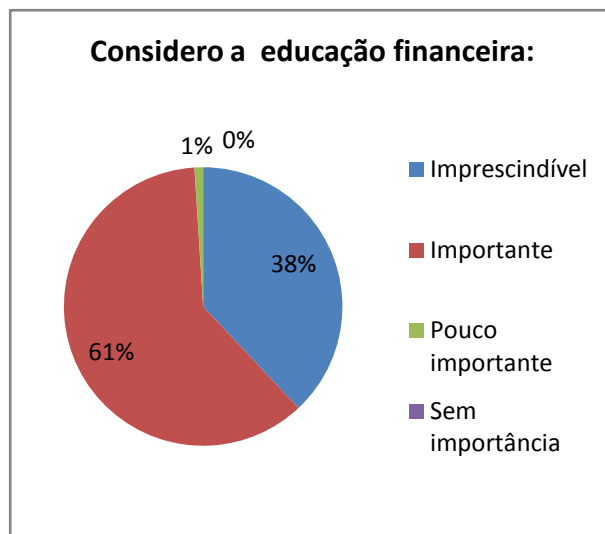


GRÁFICO 20: Porcentagens das respostas dos participantes à pergunta: "Sobre educação financeira: você considera imprescindível, importante, pouco importante ou não considera importante?"

Após a apresentação dos dados, é importante afirmar que a amostra foi composta por estudantes de administração de ambos os sexos, na maioria dos casos, jovens, solteiros e sem filhos, com grande parte de suas famílias possuindo renda de um a três salários mínimos. Com isso, foi obtido o seguinte resultado: a maioria dos entrevistados comprava por necessidade e grande parte fazia pesquisa antes de comprar; o maior número dos participantes discordava de que era melhor se endividar agora do que esperar para adquirir algum produto. Estes eram geralmente os que pagavam suas contas em dia.

O que mais se destacou na pesquisa foi a grande quantidade de indivíduos que não fazia investimentos e gastava seus recursos de outra maneira. Isso deve se explicar pelo fato de que uma parte destes se considerava mais ou menos satisfeita com seus ganhos, seguidos daqueles

que estavam satisfeitos. Ou seja, é possível supor que os entrevistados esperavam estar muito satisfeitos com sua renda, ganhando melhor, para começar a investir e a poupar dinheiro. Isso confirma que os indivíduos com renda mais baixa tendem a consumir mais e a poupar menos do que aqueles com renda mais alta.

Foi constatado também que grande parte das pessoas avaliadas não conseguiria viver nem um mês com suas reservas, sem a entrada de novas receitas. Assim, os participantes da pesquisa não se mostravam preocupados em investir em seu futuro. Um pouco mais da metade se dizia preparada para usar cartões de crédito e cheque pré-datados sem perder o controle das finanças. Boa parte não fazia o acompanhamento dos seus gastos. Quase todos os participantes acreditavam ser possível melhorar a forma como cuidava de suas finanças .

A maioria, no entanto, considerava a educação financeira como “uma forma de controlar os gastos e melhorar a qualidade de vida”, ao passo que outra parte dizia conseguir ter uma boa qualidade de vida sem educação financeira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, o objetivo do presente artigo foi analisar como a educação financeira pode influenciar nas decisões econômicas e financeiras dos indivíduos. O trabalho iniciou-se com a contextualização e a importância da educação financeira. Foi percebida a sua importância no cotidiano dos indivíduos e destacada a ausência da educação financeira nas escolas, o que seria extremamente útil para formar cidadãos mais conscientes acerca da sua vida financeira. Logo após, foram analisadas algumas variáveis econômicas que também podem influenciar nas decisões de consumo, poupança e investimento dos indivíduos como renda e riqueza.

Observou-se também que os indivíduos com maior renda tendem a consumir mais e também a poupar mais do que aqueles com renda inferior. A questão do consumismo entre crianças e jovens incentivados pelo marketing, pela mídia ou pelos indivíduos ao seu redor foi trazida à discussão. Prosseguiu-

se com a problemática das famílias em equilibrar seu orçamento financeiro, o que acaba resultando no endividamento. Recorrendo sobre como a educação financeira pode auxiliar as famílias de baixa renda a melhor gerir suas finanças, foi possível, enfim, propor a relação da educação financeira com a qualidade de vida, tendo em vista o modo como aquela pode vir a melhorar a qualidade de vida dos indivíduos que a praticam.

A partir da análise dos dados, a conclusão que se pôde constatar foi a de que os estudantes de administração aludidos na amostra têm uma boa noção de educação financeira, já que a consideram importante, porém, poucos a praticam em seu dia-a-dia. O que mais chamou a atenção na pesquisa foi o grande número de jovens que não fazia investimentos e gastava seus recursos de outra maneira; e a grande porcentagem daqueles que diziam não conseguir viver nem um mês com suas reservas.

Considerando, finalmente, a administração como uma ciência social que estuda as práticas usadas para administrar, os cursos de administração deveriam ter em sua grade curricular um componente ligado à educação financeira. O intuito seria fazer com que os estudantes aprendessem a otimizar suas práticas financeiras, levando consigo conhecimentos capazes de os auxiliar em suas decisões financeiras e econômicas. A contribuição, assim, se refletiria na sua vida financeira e pessoal, já que o lar também é considerado uma instituição e como tal, deve ser administrado de forma segura e eficaz.

6 REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE INCENTIVO. São Paulo, 2009. Disponível em: www.incentivo.org.br. Acesso em: 18 set. 2014.

CERBASI, Gustavo. **Dinheiro: Os segredos de quem têm**. São Paulo: Gente, 2010.

_____. **Casais inteligentes enriquecem juntos**. São Paulo: Gente, 2004.

_____. **Por que compramos por impulso?**. Disponível em www.maisdinheiro.com.br. Postado em 22 maio 2013. Acesso em: 18 jul. 2014.

DOMINGOS, Reinaldo. **Terapia financeira: realize seus sonhos com educação financeira**. São Paulo: DSOP, 2012.

FEA-USP. 2008. Disponível em: www.fea.usp.br Acesso em: 3 out. 2014.

NUNO, Fernando. et al. **Mini Larousse dicionário da língua portuguesa**. 2. Ed. São Paulo: Larrouse do Brasil, 2008.

FLECK, M. P. A. et al. Desenvolvimento da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da OMS (WHOQOL-100). **Rev. Bras. Psiquiatr.** [online]. Vol. 21. n. 1, 1999. pp. 19-28 ISSN 1516-4446. <<http://dx.doi.org>>. Acesso em: 7 set. 2014.

GREMAUD, A. P. et al. **Economia brasileira contemporânea**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2000.

IBGE, POF. 2008, 2009. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 2 ago. 2014.

LUCCI, C. R. et al. A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos. **IX SEMEAD**. Administração no Contexto Internacional. Seminários em Administração FEA-USP. 2006. Disponível em: www.ead.fea.usp.br. Acesso em: 10 out. 2014.

NOBRE, Moacyr Roberto. Qualidade de vida. **Arq Bras Cardiol**. V. 64, nº 4, 1995. Disponível em: <arquivosonline.com.br>. Acesso em: 3 out. 2014.

PINHEIRO, Carlos Alberto Orge. **Tenha modos com o seu dinheiro**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna Ltda., 2009.

SAVOIA, J. R. F. et al. Paradigmas da educação financeira no Brasil. **SciELO Brazil**, Rio de Janeiro, Nov./ Dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v41n6/06.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2014.

SEABRA, Rafael. **Qualidade de vida e educação financeira**. Disponível em <<http://queroficarrico.com>>. Postado em 30 de Nov. 2010. Acesso em: 18 jul. 2014.

SERASA EXPERIAN. 2014. Disponível em: <<http://noticias.serasaexperian.com.br>>. Postado em: 12 nov. 2014. Acesso em: 15 nov. 2014.

CHIAVENATO, Idalberto. Os novos paradigmas: como as mudanças estão mexendo com as empresas. Atlas, 2000.

VIEIRA, S. F. A. et al. Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do Paraná. **Revista de Administração da UNIMEP**. V. 9, n. 3, Set./Dez, 2011. ISSN: 1679-5350 2008. Disponível em: www.raunimep.com.br Acesso em: 5 out. 2014.